

EDUCAÇÃO EM MUSEUS



ORG. GRUPO AMPLIA - AMÁLGAMA EM
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ARTE

Editora
SUBSOLO



Educação
Em
Museus

Organização ampla

Título: *Educação em Museus*
Organização: *Grupo Amplia: amálgama em educação, ciência e arte*
Bárbara Matos da Cunha Guimarães
Daniela Franco Carvalho
Maria Carolina Alves
Sarah de Assis Andrade
Apresentação: *Daniela Franco Carvalho*
Ilustração e diagramação: *Sarah de Assis Andrade e Maria Carolina Alves*
Projeto Gráfico E-book: *Arlen Costa*
Editor: *Robisson Sete*

www.editorasubsolo.com.br
agenciaturalsubsolo@gmail.com
Uberlândia (MG)

Conselho Editorial:
Cleusa Bernardes, João Carlos Biella, Robisson Sete, Sergio Bento, Thiago Carvalho

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

E24

Educação em Museus / Organização de Grupo Amplia; Ilustrações de Maria Carolina Alves, Sarah de Assis Andrade; Apresentação de Daniela Franco Carvalho. – Uberlândia/MG: Subsolo, 2024.

Autores: Adriana Abuhab Bialski, Ana Abascal Vila, Ana Carolina Gelmini de Faria, Ana Paula Carvalho, Anelissa Carinne dos Santos Silva, Ângelo Araújo, Bianca Paes Araújo, Camila de Oliveira Andrade, Camila Silveira da Silva, Camilo Andrade Areia, Catarina Martins, Clarissa Almeida Santos, Daniela Franco Carvalho, Daniela Tomio, Diana Magalhães Machado Fagundes, Eliane Regina Pereira, Fabíola Fonseca, Fernanda Rodrigues, Fernanda Silva Freitas, Flávia Elisa de Toledo Zornoff, Giselle Santos Silva, Graziela Bassi Pinheiro, Herica da Silva Lima, Isabelle Nascimento Falcão, Jefferson Carvalho Brás, Jenyffer Martins, Jessika Santana Pereira, Jonatas Augusto da Silva Almeida, Jones da Silva Gomes, Juliana Rosa Alves Borges, Karina Rodrigues, Leandro Silveira de Araujo, Lívia Couto, Lucas Santana Gonçalves, Macsiel Nunes Lima Neves, Malu Teodoro, Manoela Antunes, Marcos Fernandes Alves Dias, Maria Carolina Alves, María José Juan Colás, Maria Luiza de Oliveira Costa Lopes, Marina Vargas, Marinalva Maciel Maciel, Michele Alves Bezerra, Milane N. J. Pereira, Mônica Lóss dos Santos, Natalia Aparecida Bisio de Araujo, Natália de Andrade Nunes, Norma Alzate Rincón, Olga Santos, Priscilla Kelly Silva Vieira, Sabina Agnesia Candida Drumond, Sandro Rogério Vargas Ustra, Sarah Andrade, Silvia Martins, Sthefany Caroline Luebke, Susana Melo da Costa, Tatiana Fernandes, Thabata Tosta, Thalyta Marques.

Epub
ISBN 978-65-88075-62-3

1. Museu. 2. Educação. 3. Arte. I. Grupo Amplia (Organização). II. Alves, Maria Carolina (Ilustração). III. Andrade, Sarah de Assis (Ilustração). IV. Carvalho, Daniela Franco (Apresentação). V. Título.

CDD 708

Índice para catálogo sistemático

I. Museu

Contato

@amplianarede
www.amplianarede.com.br
amplianinho@gmail.com



O que esperamos dos museus no mundo contemporâneo?

Ana Carolina Gelmini de Faria [1]

Esse texto é um ensaio, uma reflexão que não pretende se esgotar. Escrevo passadas duas décadas de um século já marcado por eventos que impactaram definitivamente o curso da humanidade. Se colocarmos em um buscador a expressão “acontecimentos que marcaram as duas primeiras décadas do século XXI” uma avalanche de episódios, com suas complexidades e desdobramentos positivos e/ou negativos, caracterizam esse recorte temporal: ataques terroristas do 11 de setembro de 2001; criação das redes sociais; Primavera Árabe; mais ataques terroristas; movimento #MeToo; pandemia causada pelo coronavírus; a pressão política, social e ambiental do fenômeno das mudanças climáticas; invasões militares e guerras em larga escala são alguns apontamentos elencados. Robério Paulino, antes mesmo da pandemia de Covid-19 - um divisor de águas da primeira metade do século XXI -, apresentou uma leitura de alerta da sucessão desses marcos:

Tudo isso forma um caldeirão em aquecimento, que pode novamente explodir, a qualquer momento. Todas as pessoas conscientes no planeta pressentem tais riscos, este mal-estar, sem saber muito bem o que fazer frente a tão gigantescas estruturas de poder econômico e político oligopolizadas, cada vez mais concentradas. Apesar dessas contradições, a humanidade começa o terceiro milênio da era cristã, portanto, andando para frente, com uma população maior, mais rica e longeva, mas sem saber que civilização pode construir, o que quer para a sociedade global, para os países e povos¹.

As articulações geopolíticas travadas nesses últimos anos exigem cada vez mais uma cooperação internacional, ancoradas, segundo Patriota, em três pilares: desenvolvimento; direitos humanos; paz e segurança². Destes, acredita que o último pilar é onde a

¹ Paulino, Robério. **Introdução**. In: Paulino, Robério (org.). *Século XXI: o mundo em convulsão*, Natal: EDUFRRN, 2019. p.17. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/28478/4/S%C3%A9culo%20XXI%20-%20O%20Mundo%20em%20Convuls%C3%A3o_ebook.pdf Acesso em outubro de 2023.

² Patriota, Antonio de Aguiar. **Tendências Geopolíticas do Início do Século XXI**. In: CEBRI, *Breaking News* #20, 2018. Disponível em: <https://cebri.org/media/documentos/arquivos/BreakingNews20.pdf>. Acesso em outubro de 2023.



cooperação tem tido menor progresso. Defende que a ordem mundial vigente demanda adaptação. Acredito que a adaptação, para alcançar sua transição requer constantemente revisão dos processos. Tal revisionismo escancara a necessidade de encarar assuntos como segurança pública, ultranacionalismos, desastres ambientais, ameaças à democracia, deslocamentos forçados, lutas por território, polarização política e *fake news*, entre tantos outros demandados pelos desdobramentos contemporâneos.

Os arranjos da geopolítica global influenciam diretamente as áreas de conhecimento. A Museologia, ciência social aplicada, reflete diretamente o comportamento geopolítico hodierno: sua produção se dá nos questionamentos do tempo presente, ao analisar as relações dos sujeitos no passado - a partir dos indícios remanescentes - e projeções para o futuro - a partir da postura crítica dos sujeitos frente à realidade. Os objetos, meios de problematização da realidade, são nessa construção mais do que materialidades, pois tornam-se evocadores simbólicos da memória em ação. Waldisa Rússio já advertia, na década de 1970, que uma Museologia presa à ideia de somente organizar o passado produz “um espírito imobilista que tende a fazer do museu a negação da vida”³.

O museu deve ser compreendido com um processo em si mesmo, como uma realidade dinâmica; internamente deve ser ainda, entendido como um processo social simples (relações entre indivíduos e grupos, com manifestações de conformação (acomodação), conflito, agregação, convenção, etc.) e, externamente, em relação a co-processo social complexo (relações inter e intra-grupais, com manifestações de diferenciação, integração, transformação, estratificação, etc.). Importante é deixar bem clara as ideias de contato e relação social que o processo pressupõe: o museu não existe isoladamente, mas dinamicamente, na sociedade⁴

O século XXI apresenta grandes desafios para a Museologia e os museus. Assuntos como curadorias colaborativas/compartilhadas, Museologia LGBT, Museologia e Gênero, o giro decolonial e a repatriação do patrimônio, memória e Direitos Humanos, museus e cultura digital anunciam um novo fazer museal. Porém, há questões profundas a serem trabalhadas quando miramos o debate para uma abordagem teórico-metodológica, marcada na sua

³ Rússio, Waldisa. **Museu**: um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento, 1977. Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1977. p.113. [Alerto que o acesso ao texto se deu por uma fotocópia, que não apresenta paginação para além da apresentada no sumário. Portanto, a indicação de páginas foi dada de forma manual e pode sofrer alterações em relação ao documento original.]

⁴ *Ibidem*, p.132, grifo da autora.



gênese pela compreensão de mundo ocidental colonialista/imperialista. François Mairesse reflete⁵:

A história da museologia e dos museus revela uma evolução significativa no cenário museológico, bem como nos métodos empregados no trabalho museológico. Embora a maioria dos membros do ICOM se reconheça (em maior ou menor grau) na definição de museu e no código de ética, a maioria não pode deixar de notar a considerável heterogeneidade de abordagens no campo museológico atualmente. [...] Como identificar e distinguir essas áreas? Será possível falar em "imperialismo museológico" (Scheiner, 2016) para descrever certas correntes "dominantes", como a anglo-saxônica e, em menor grau, a francófona ou a hispanófila? Como, a partir dessa perspectiva, compreender outras formas de conceber o campo museológico, seja em Oceania, África, Oriente Médio, Ásia ou o grande Norte? Vale ressaltar que, a partir do que foi constatado, a origem da maioria dos principais conceitos relacionados ao museu atual e ao próprio museu é ocidental. A evolução do mundo sugere mudanças políticas e econômicas consideráveis nas próximas décadas, antecipando transformações mais ou menos radicais nas relações geopolíticas em todo o mundo. Seria impensável que essas mudanças não afetassem os museus e a museologia⁶.

Em 2022, após uma longa negociação teórica e política iniciada em 2019, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou a nova definição do conceito de museu. É interessante colocarmos em aproximação a definição anterior e a em vigência:

A definição anterior vigorava desde 2007, com o seguinte texto: “O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”.

Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga: “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”⁷

⁵ Mairesse, François. **Política y poética de la museología**. Icofom Study Series, n.46, 2018, doc. eletr.

⁶ Ibidem. Tradução livre do original.

⁷ ICOM Brasil. **Nova Definição de Museus**, 2022, doc. eletr. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2173. Acesso em outubro de 2023.



A redação final de 2022 nos apresenta importantes parâmetros para pensar o fazer museal contemporâneo. Para essa leitura é importante compreendermos o processo, e aqui nos deteremos ao caso brasileiro, um tanto estimulador para o exercício reflexivo proposto ao apresentar termos que nortearam a definir, ou mesmo compor, a nova conceituação - a exemplo das palavras-chave inclusivo e sustentável. Liderado pelo Comitê Brasileiro do ICOM, seu desenvolvimento se deu em onze etapas metodológicas (figura 1) fomentadas por consultas públicas que buscaram contemplar o máximo de profissionais de todas as regiões do Brasil.

Figura 1 - Metodologia empregada para a construção da nova definição de museu



Fonte: ICOM Brasil, 2022.

Entre as quatro consultas públicas realizadas durante a execução das etapas metodológicas, a segunda consulta nos ajuda a mirar o que queremos dos museus no mundo contemporâneo. Nesse momento foi solicitado aos Comitês Nacionais a indicação de até vinte palavras-chaves consideradas norteadoras para a Nova Definição de Museu. Segundo o ICOM Brasil a consulta pública realizada em 2021 motivou a “participação individual de 784 pessoas e de mais 820 pessoas organizadas em 62 grupos de discussão espalhados pelo país”⁸. No Brasil, foram elencados os termos (figura 2):

Antirracista - Postura que visa combater e romper o racismo estrutural e o seu processo histórico institucional por meio de práticas e valores a superar a colonialidade.

Bem-viver - Refere-se à promoção da convivência e da saúde e ao cultivo de relações de solidariedade, reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida.

Comunicar - Colocar-se em relação com a sociedade, dialogando de forma multidirecionada sobre a memória, o conhecimento e a vida em suas mais variadas formas.

Cultura - Possibilidade de comunicar símbolos, signos e significados, ideias e comportamentos criados pelos grupos sociais e que permitem a construção de identidades.

Decolonial - Postura e práticas de combate às opressões materiais, simbólicas, raciais e de gênero, que resultam da colonização e subalternização dos povos e de seus saberes.

⁸ Op. Cit, doc. eletr.



Democrático - Comprometido com valores e práticas equitativas, valorizando diferenças, conflitos, memórias e negociações de saberes e sensibilidades.

Direitos humanos - Compromisso com os processos sociais de luta pelas condições materiais e imateriais que asseguram a existência digna de indivíduos e grupos.

Educação - Conjunto de práticas, valores, conhecimentos e metodologias concernentes ao processo educativo, permitindo a aprendizagem, a experimentação e a mediação com o patrimônio musealizado.

Experiência - Compromisso com a potência transformadora de experiências individuais e coletivas no campo sensorial, subjetivo e simbólico nas fronteiras da arte, ciência e vida.

Futuros - Possibilitam a imaginação, experimentação, conhecimento e inovação, explorando oportunidades e desafios em co-criações de novas realidades.

Inclusivo - Combater por meios e ações a exclusão, garantindo igualdades de condições de acesso e participação a todos.

Instigar - Estimular sentimentos e reflexões para que pessoas e comunidades explorem percepções, ideias e valores na construção de novas narrativas e ações.

Patrimônio - Referências culturais que compõem a herança dos povos preservadas em suas dimensões materiais e imateriais para as futuras gerações.

Pesquisar - Procedimento investigativo que fundamenta os processos museológicos, com foco em coleções, públicos e o próprio museu.

Público - Coletividade em sua diversidade, heterogeneidade, territorialidade e pluralidade, a quem pertence e a quem diz respeito o museu.

Salvaguardar - Procedimentos sistemáticos de conservação, documentação, promoção e guarda do patrimônio museológico e de expressões culturais.

Social - Compromisso com a reflexão e transformação social, como instrumento político participativo de promoção de uma sociedade justa, equitativa e saudável.

Sustentável - Práticas de governança, com respeito aos direitos ambientais, sociais e culturais em prol da formação de uma cidadania planetária.

Território - Espaço vivido onde se tecem relações entre poder, memórias, patrimônios e identidades.

Transformar - Engajar a sociedade em reflexões e ações a favor do bem comum e do aprimoramento da experiência coletiva⁸



Figura 2 - Termos selecionados para o conceito de museu pelos representantes brasileiros



Fonte: ICOM Brasil, 2022.

O mosaico de termos é, a meu ver, um direcionamento para os(as) profissionais do campo museal trilhar o século XXI. Entendo que juntos estão no horizonte do que Waldisa Rússio entendia por utopia: fase de um planejamento, capaz de tornar o museu partícipe do “[...] processo de libertação do Homem das forças que degradam a vida”⁹ tornando-se, conseqüentemente, inspirador da mudança. O professor William López Rosas nos provoca a pensar: “É possível gerir criticamente uma instituição museológica?”¹⁰. Um caminho anunciado pelo pesquisador é realizarmos um movimento crítico a políticas de

⁹ Rússio, idem, p.159.

¹⁰Rosas, William López. Política Nacional de Museus na Colômbia. Canal PPGMusPa, Youtube, 2023, informação verbal. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ppgmuspa4567>. Acesso em outubro de 2023.



amnésia, propondo uma comunicação para a transformação com narrativas polifônicas participativas, com justiça epistêmica.

Defendo que esse caminho será alcançado através da educação, e aqui, não me limito a setores ou profissionais específicos, mas na compreensão de que todo espaço de caráter museológico tem por premissa uma dimensão educativa e que tal característica é que impulsiona o fazer museal. Acredito que, é por meio da intenção educativa, que protagonizaremos não os objetos, mas os sujeitos. São as pessoas, no século XXI, o patrimônio a ser preservado, interpretado e partilhado. A sociedade é sua razão de ser.

Estamos enfrentando um contexto geopolítico que está na contramão desse movimento; hoje, assistindo o noticiário, três exemplos reforçam esse argumento: temos como dura realidade 6.919.573 mortes pelo coronavírus¹¹, o confronto iniciado há 15 dias entre Israel e o Hamas já passa de 6.000 mortes¹², e a guerra entre a Rússia e Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, tem números confidenciais, embora autoridades americanas, citadas pelo jornal The New York Times, formulem o número de 70.000 mortes¹³, além da estimativa de ser o maior êxodo migratório desde a Segunda Guerra Mundial. Não tão noticiado no Brasil temos a atual guerra no Sudão, que já completou 100 dias e que contabiliza uma média de 30 mortes por dia desde que o conflito eclodiu.¹⁴ Que futuro estamos delineando enquanto sociedade? Essa é a pergunta central que a Museologia do século XXI precisa fazer.

Hugues de Varine, inspirado por Paulo Freire, buscou traçar os desafios de uma Museologia da Libertação, na busca de alcançar três objetivos fundamentais:

- uma **libertação da consciência, da iniciativa, da criatividade**, tanto da comunidade quanto de cada um de seus membros. Isso passa por uma maior confiança em si e por uma valorização do que é positivo, tanto no passado como no presente. Ocorre assim uma

¹¹ TRT. **Coronavírus última situação** (Covid-19), 2023. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/covid19>. Acesso em outubro de 2023.

¹² G1. **Número de mortos na guerra entre Israel e o Hamas passa de seis mil**, 22 de outubro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/22/numero-de-mortos-na-guerra-entre-israel-e-o-hamas-passa-de-seis-mil.ghtml>. Acesso em outubro de 2023.

¹³ BBC News. **Ucrânia**: o enorme aumento de mortos ucranianos na guerra com a Rússia, 29 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn461pj8djmo>. Acesso em outubro de 2023.

¹⁴ BRAUN, Julia. **A guerra que mata mais que a da Ucrânia**. BBC News, 31 julho 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9wxxjpid2po>. Acesso em outubro de 2023.



libertação das dependências, da assistência social, do paternalismo ou do clientelismo. Essa libertação é o equivalente da alfabetização-conscientização no sentido de Paulo Freire.

- uma **libertação da capacidade de observação e domínio das mudanças** que intervêm na sociedade em geral e, em particular, nas situações locais: a comunidade aprende a julgar por si mesma, a arriscar, a opor sua própria subjetividade à dos tomadores de decisão políticos e tecnocráticos habituais.
- uma **libertação da comunicação social**, em relação às mídias e meios de educação habituais: imprensa, televisão, ensino escolar “bancário”, publicidade, propaganda política controlada pelos meios dirigentes, etc. A linguagem do museu permite apreender o presente e o futuro a partir de elementos de uma realidade ancorada no passado. O museu faz falar o patrimônio, mas também muitos aspectos do mundo contemporâneo.¹⁵

Acredito na força dos vinte termos selecionados aplicados na Museologia da Libertação que tem, por fundamentação, a educação emancipatória do sujeito. Defendo que ultrapassemos uma musealização condicionada a uma interpretação confortável da realidade, esse é um movimento que vai na contramão da própria teoria museológica. Temos que, a partir dos objetos preservados, propor diálogos plurais, novas articulações e se valer dos métodos museais que viabilizem um diálogo que instigue o desejo de construir um futuro de bem comum, protagonizado por mim, por você, por todos nós. A educação museal se dará pela construção das sensibilidades, empatias, leituras críticas, desejo de transformação, percepção de que o ser humano é o patrimônio a ser valorizado.

Um primeiro passo é nós, profissionais do campo museal, através de um aprendizado libertador nos desconstruirmos para, conseqüentemente, reconstruirmos os museus que atualmente se ancoram em zonas cômodas. Marie-Cécile Zinsou, profissional de museu francesa-beninense, nos provoca com a afirmativa de que os museus precisam desaprender para continuarem relevantes no mundo contemporâneo:

Os museus se tornaram cautelosos demais. E ser cauteloso significa não ser relevante [...] O setor do museu não deve agir como uma despensa. Não pode pensar que é preciso armazenar trabalhos em uma despensa fechada que é só aberta eventualmente, e que, depois de um tempo, nem sequer é aberta, pois a única coisa que interessa é protegê-los. [...] Se conseguirmos encontrar um modelo mais inovador, que alcance as pessoas e seja mais aberto, então poderemos impactar mais gente. No momento, os códigos são os códigos europeus, americanos, ocidentais. Para existir,

¹⁵ VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: ficção ou realidade. **Museologia Social**. Porto Alegre: Unidade Editorial/ Secretaria Municipal de Cultura, 2000. p.24-25.



tivemos que respeitar esses códigos. Agora que provamos que conseguimos respeitá-los, devemos romper com eles¹⁶

A geopolítica contemporânea produz sequelas físicas e emocionais que podem durar a vida toda, afetando gerações e gerações. Os museus devem romper com a amnésia da memória induzida, pois temos recursos e competência científica para tal exercício educativo emancipador. Espero que façamos, do museu contemporâneo, um espaço de engajamento polifônico que partilhe o valor humano como o patrimônio do futuro.

[1] programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UFRGS). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 2. Esse trabalho contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil)

¹⁶ Zinsou, Marie-Cécile. **Museus desde a estaca zero**. In: András Szántó (org.). O futuro do museu: 28 diálogos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. p.79;81